

Ciberespaço e Inteligência Artificial: os grandes aliados da guerra cognitiva chinesa

[d dinheirovivo.pt/105347168/ciberespaco-e-inteligencia-artificial-os-grandes-aliados-da-guerra-cognitiva-chinesa](https://dinheirovivo.pt/105347168/ciberespaco-e-inteligencia-artificial-os-grandes-aliados-da-guerra-cognitiva-chinesa)

Um dos grandes desafios da modernidade é a chamada *Cognitive Warfare* (Guerra Cognitiva) que, no fundo, diz respeito às atividades conduzidas em sincronização com outros instrumentos de poder, para moldar atitudes e comportamentos e influenciar a cognição, individual e de grupo, para obter vantagens. Aqui entra também o importante papel da Inteligência Artificial (IA) que tem um enorme potencial de uso disruptivo no domínio político através de análises detalhadas, propaganda direcionada e vídeos falsos, económicos e altamente credíveis.

As inúmeras ferramentas apoiadas por IA são cada vez mais utilizadas para manipular a opinião pública, em uma escala anteriormente inimaginável, ao amplificar a desinformação, especialmente, através das redes sociais. Um bom exemplo deste fenómeno é o caso da China que tem intensificado o uso de estratégias de *Cognitive Warfare* como parte da sua política e abordagem estratégica para expandir a sua influência global. No caso particular da ação chinesa em relação a Taiwan, este fenómeno é notável, quer através de ciberataques a alvos taiwaneses, com o objetivo de intimidar, quer através da disseminação de desinformação nas redes sociais, muitas vezes incluindo a utilização de *deepfakes* para manipular a opinião pública.

Uma das estratégias mais comuns é a chamada “**Perturbação de Informação**” que consiste em publicar informações específicas nas redes sociais para influenciar a compreensão do público-alvo sobre uma situação real e assim moldar a sua perspetiva. “**Competição de Discurso**” consiste numa abordagem mais subtil e gradual para moldar a cognição, por exemplo, ao espalhar narrativas através de redes sociais e comentários online com o objetivo de alterar gradualmente a perceção pública e, desse modo, atingir eventuais objetivos políticos.

Outra estratégia apelidada “**Apagão de Opinião Pública**” consiste em inundar as redes sociais com narrativas específicas, principalmente através de *bots*, para tornar essas narrativas virais e influenciar a orientação da opinião pública. De notar ainda o uso crescente de IA em operações de influência chinesas, principalmente, as ferramentas de ML (*Machine Learning*) para identificar o público mais suscetível a determinadas narrativas e, em seguida, "disparar" rápida e intensamente essa (des)informação personalizada para os grupos-alvo.

Por fim, a estratégia “**Bloqueio de Informação**” consiste na realização de ciberataques, bloqueios e até mesmo, destruição física de canais de comunicação de informações do inimigo, com o objetivo de monopolizar e controlar o fluxo de informações, impedindo que um adversário dissemine informação.

A guerra cognitiva chinesa é, portanto, uma ferramenta central na busca de Pequim por uma ordem global mais favorável aos seus interesses, na qual a sua narrativa prevalece e a sua influência é maximizada sem a necessidade de conflitos armados. O sucesso dessas estratégias depende, maioritariamente, da capacidade dos adversários da China, de reconhecer e contrapor-se perante estas táticas fortalecendo as suas próprias defesas de combate à desinformação online. Este é um fenómeno que, embora menos visível que a guerra convencional, tem o potencial de remodelar o cenário geopolítico e geoestratégico, de modo profundo, duradouro e sem retrocesso.

Fundador & CEO da VisionWare. Especialista em Cibersegurança e Investigação Forense